

OS ATÔMICOS

RUBEM BRAGA

NÃO sei o que aconteceria se a Rússia tivesse a bomba atômica e os Estados Unidos não. Isso não me impede de achar deplorável o que está acontecendo na situação inversa.

O urânio 235 parece estar fazendo um sutil trabalho de desintegração da inteligência e da sensibilidade de alguns senhores. O presidente Truman faz um longo discurso sobre o "esplêndido progresso" de seus técnicos no fabrico dessas bombas; e fala em tom de tal maneira alacre como se acreditasse que o mundo inteiro vai ficar satisfeitíssimo com as boas novas — com exceção, naturalmente, dos excomungados, cujo fim natural é serem fritos nesse inferno de plutônio.

Sempre achei que o maior drama do espírito militarista é sua infantilidade. O homem armado que por medo ou empáfia exhibe o seu revólver acaba se comprazendo nisso. O revólver vai deixando de ser um meio de defesa ou mesmo um instrumento útil para a consecução de um determinado fim. Passa a ser um argumento — e acaba sendo a razão final de tudo. No lugar de servir ao homem, coloca este a seu serviço. Embragado pelo próprio potencial de violência, o homem tende a esquecer esta coisa simples: aquilo que a ele parece uma virtude ou a suprema virtude é para os outros apenas uma ameaça.

O homem comum da Europa pode ficar muito impressionado com um discurso como esse do presidente Truman. Quer, porém, ele viva da banda soviética, quer da banda capitalista, o efeito é o mesmo: ele se sente ameaçado. Se é um fanático anti-americano, seu ódio aumentará. Se é simpático aos americanos, essa simpatia se mudará em medo. Ele sabe que afinal de contas, quando a coisa começar, ele poderá perfeitamente ser atomizado em conjunto com os excomungados... Na última guerra os estilhaços

das bombas aliadas não indagavam a ideologia de um cidadão antes de lhe esfaquear a carne.

Para mim um dos fatos mais espantosos, e geralmente esquecidos, na última guerra, foi o não terem sido utilizados gases. Tanto os países do Eixo como os aliados gastaram milhões e milhões preparando o ataque e a defesa da guerra química. Eram enormes as instalações feitas já em uma fase avançada da guerra, perto de Livorno, por exemplo; e nenhum pracinha brasileiro deixou de receber a sua máscara.

Um cientista inglês, o professor Oliphant, vem nos lembrar agora esse fantasma da outra guerra; ele nos avisa de que o fantasma tem progredido no escuro, e já agora seria possível obter "as mais horríveis distorções em plantas, animais e seres humanos". Ninguém ignora também a possibilidade de estarem sendo feitos "esplêndidos progressos" no terreno da guerra bacteriológica. Que aconteceria se os russos deixassem escapar o segredo de que alguns agentes seus, altamente especializados, e já residindo nos Estados Unidos, estavam em condições de propagar a lepra ou o câncer na boca a milhões de americanos com a maior rapidez?

São fantasias. A bomba atômica também foi fantasia de história de quadrinhos. Entre a fantasia e a realidade, os limites são muito confusos. Mas, por mais realidade que seja, a bomba atômica pode ser tudo, menos uma esperança. É ameaça de morte, nada mais. Os excomungados, como não acreditam no inferno, não têm grande medo da morte, e já deram prova disso. Quanto aos outros, a perspectiva que lhes fica é o domínio sobre um deserto atomizado. Para fazer o que? Impor a civilização cristã, a lei de Lynch, a Coca-Cola, os contratos da Standard Oil e os filmes da Metro?

O presidente Truman pode inflar o peito de pura satisfação pregando a sua boa nova. Pode ficar ébrio da própria força, passeando nos jardins da Casa Branca, sorrir, com bombinhas atômicas nos bolsos do colete, feitas especialmente para uso privado do senhor presidente. Mas sua figura vai ficando melancolicamente pequena. Os homens têm fome e sede de justiça; estão sufocados por falta de esperança. E ele parece se esquecer dos homens; está seduzido pelas próprias bombas, com uma levandade pueril.